

OUTROS CAMINHOS DE DANÇA

TÉCNICA KLAUSS VIANNA PARA
ADOLESCENTES E PARA ADOLESCER

CORA MILLER LASZLO

OUTROS CAMINHOS DE DANÇA

Técnica Klaus Vianna para adolescentes e para adolescer

Copyright © 2018 by Cora Miller Laszlo

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Capa: **Alberto Mateus**

Produção editorial: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	9
<i>Apresentação</i>	11
<i>Introdução</i>	13
Capítulo 1 Pontos de partida	21
Nascente – Breve histórico da Técnica Klauss Vianna	21
Afluente – O Salão do Movimento como polo de pesquisa da TKV	33
Um fluxo – Breve memorial	38
Capítulo 2 Outros caminhos de dança: Técnica Klauss Vianna para adolescentes	43
Um caminho	52
Processo lúdico	58
Processo dos vetores	79
Capítulo 3 Adolescendo em investigação	95
A importância das escolhas em um processo criativo	102
Os tópicos corporais da TKV como temas de criação	105
A importância do olhar para o estudo da presença	106
Mapa coreográfico e o estudo do espaço	109
Quatro estados de atenção e o estado de dança	111
Improvisação e labilidade da coreografia	113
Capítulo 4 Criar espaços para criar	117
<i>Referências</i>	121
<i>Créditos das imagens</i>	125

PREFÁCIO

Fico encantada com este livro de Cora Miller Laszlo, Outros caminhos de dança, pois ele é fruto de um percurso muito longo, um caminho de gerações iniciado em Belo Horizonte, quando Klauss e eu começamos a pesquisar o movimento, as articulações, as dobras do corpo e a atenção com cada ser humano.

De nós dois nasceu o Rainer, que veio a não só perpetuar o nosso trabalho, mas também encontrar seu próprio caminho. Assim como a bailarina Jussara Miller, aluna de Rainer e Klauss em São Paulo, que sempre me chamou atenção pela maneira como ela respondia e entendia o que o Rainer propunha, vejo hoje a Cora trilhar seu próprio caminho.

Vejo que além de uma pesquisa profunda de dança e da consciência do movimento, Jussara também faz algo muito importante que é incentivar a pesquisa da Cora, que em seu trabalho não repete o trabalho da mãe, assim como Rainer não repetia o nosso trabalho, mas sim trabalha seus elementos e os transforma na sua maneira de perceber e observar o outro.

A Cora tem uma pesquisa bem pessoal com o seu trabalho, com a sua criação, com a sua maneira de colocar a dança para as suas alunas adolescentes. Devido aos seus anos de experiência com a dança desde criança, Cora já demonstra uma maturidade no seu conhecimento e observação do corpo, sabendo orientar suas alunas a organizar o eixo corporal, conhecer seus ossos e articulações, seus sentimentos, e sobretudo não interferindo e sim colaborando em seu processo criador.

Este livro é de grande importância, pois poucas pessoas fazem trabalhos conscientes para adolescentes. Sempre digo

que todo ser humano é único e especial e que cada um traz em seu conhecimento corporal uma história.

Parabéns, Cora, por seu livro e belíssimo incentivo dado aos seus alunos.

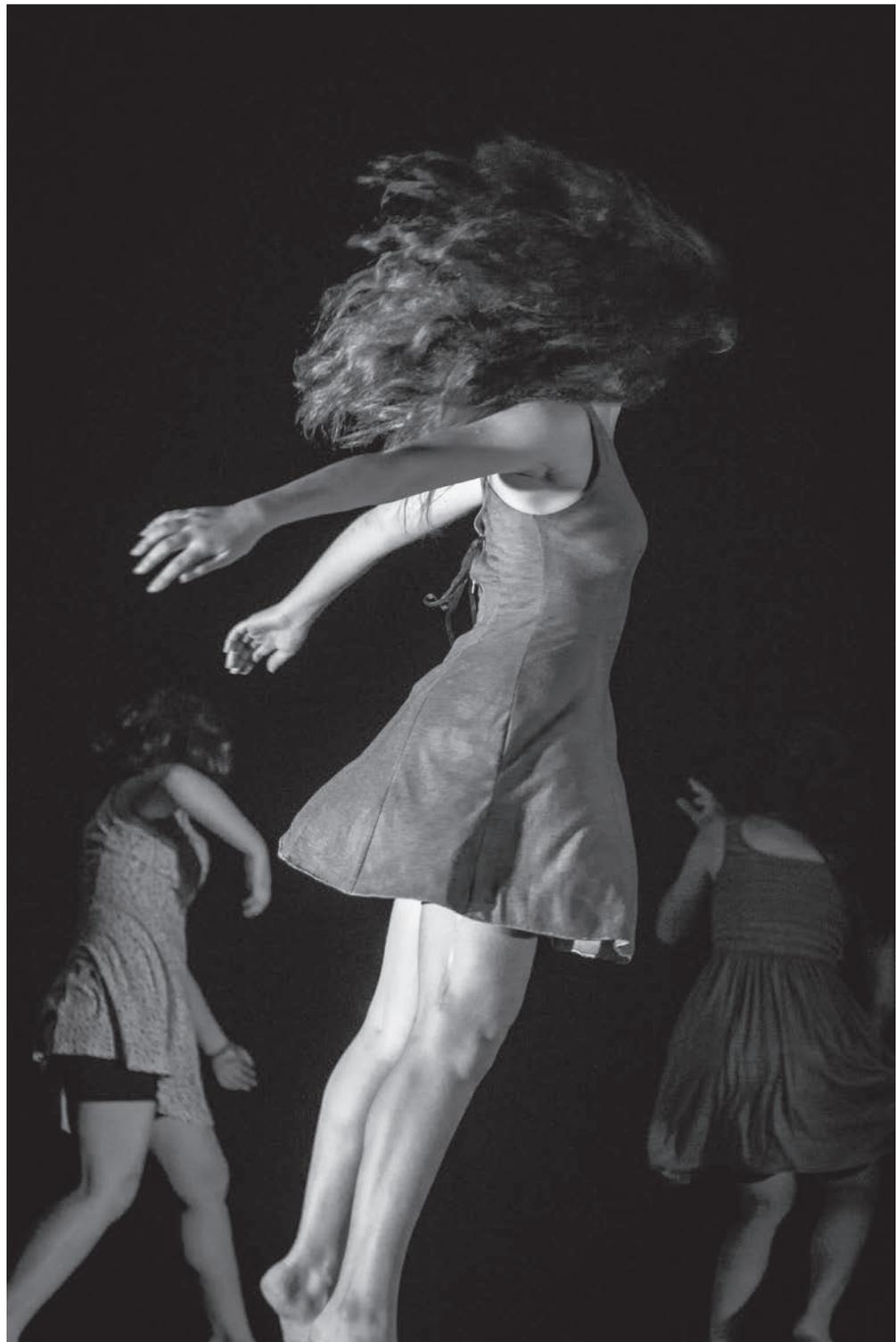
ANGEL VIANNA

APRESENTAÇÃO

*gota de suor
rola pelo rosto
lágrima sem dor*

ALICE RUIZ

Este poema de Alice Ruiz me diz muito do meu processo com a Técnica Klaus Vianna (TKV). Admiro em sua poesia a medida exata das palavras para que se toque o leitor. Acredito que a Técnica Klaus Vianna também tenha esse propósito, a procura da medida exata para tocar as pessoas: alunos, bailarinos, público, humanos, gente. Meu percurso na Técnica Klaus Vianna inicia com o suor de criança que dança e gosta de dançar, pois aos 8 anos, em 2001, comecei a fazer aulas com Jussara Miller, minha mãe. Desde então, foram anos de prática no Salão do Movimento e, depois de um longo processo, ingressei no curso de pós-graduação em Técnica Klaus Vianna na PUC-SP, buscando aprofundar meus estudos sobre esta que já me fez derramar muito suor – lágrima sem dor – e, também, lágrimas reais. Lágrimas a cada vez que me sentia dançando a partir de seus princípios e estratégias, a cada vez que via minhas alunas dançarem por meio de minhas provocações, a cada vez que via um novo espetáculo de minha mãe criado a partir desses caminhos. Esse é um percurso repleto de afetos. Eu acredito nesse trabalho. Creio na sua potência transformadora e continuamente revitalizante para quem escolhe esse caminho. Talvez tudo isso seja pessoal demais, talvez tudo isso não se enquadre nesse (con)texto. Mas me permito iniciar assim, pois não sinto outra opção.



INTRODUÇÃO

Adolescer. V. int. 1. Atingir a adolescência; tornar-se adolescente.
2. Crescer; desenvolver-se. 3. Rejuvenescer, remoçar.

Olhar a adolescência como verbo ajuda a entender a dinâmica intensa desse período da vida, assim como ajuda a refletir para além de uma faixa etária¹. A adolescência é transformação e fluxo a todo instante, é troca com o ambiente de maneira inédita a cada dia, uma vez que socialmente vão se abrindo portas de relação conforme crescemos, que vão desde características sutis como a entrada em filmes com censura até mudanças drásticas com relação ao corpo, à sexualidade e aos desejos. Da mesma maneira, as cobranças de comportamento e responsabilidades ficam mais acirradas. Corpo e ambiente se contaminam e se transformam em velocidade torrencial.

Em 2011 – eu mesma ainda em fluxo de *adolescer* –, iniciei minha atuação como professora de Técnica Klauss Vianna para adolescentes. Minha busca com o presente livro é abordar as características específicas desse trabalho que desenvolvo no Salão do Movimento (Campinas/SP), relacionando-o aos estudos

1. É interessante notar as várias determinações da faixa etária que compreende a adolescência pelos diferentes órgãos que a qualificam. Em termos da lei, o Estatuto da Criança e do Adolescente considera adolescentes as pessoas entre 12 e 18 anos de idade, podendo, em alguns casos, ir até os 21 anos. Ainda em termos legais, o Estatuto da Juventude considera jovens aqueles entre 15 e 29 anos de idade. A Organização Mundial da Saúde (OMS) assume uma faixa um pouco distinta, considerando adolescentes as pessoas entre 10 e 18 anos de idade. A Organização das Nações Unidas (ONU), em seus critérios usados principalmente para fins estatísticos e políticos, considera a adolescência/juventude dos 15 aos 24 anos de idade. Tais variações expressam o interesse de cada uma dessas instituições em fazer essa determinação.

teóricos que realizei durante esses anos nas instituições que passei – Unicamp e PUC-SP – e no próprio Salão do Movimento.

A Técnica Klauss Vianna (TKV) – criada pelo casal Angel e Klauss Vianna e, posteriormente, sistematizada por seu filho, Rainer Vianna, em parceria com Neide Neves – nasceu no ambiente da dança com uma abordagem pedagógica que privilegia o movimento consciente. Assim, foi nomeada, com base nos estudos atuais, como uma técnica de dança e educação somática, pois trata o corpo em sua unidade corpórea, sempre em troca com o ambiente.

Antes que adentremos propriamente no assunto, é necessário esclarecer o significado de algumas palavras que serão utilizadas ao longo da discussão, para que possamos seguir juntos por esse outro caminho de dança que aqui proponho. Primeiramente, o entendimento de corpo deste trabalho é embasado na Teoria Corpomídia, desenvolvida pelas pesquisadoras Christine Greiner e Helena Katz. Essa desmantela com o divórcio corpóreo e as dicotomias decorrentes dessa cisão, trabalhando o “corpo como um estado sempre em transformação, em codependência com os ambientes por onde transita” (Katz, 2009, p. 29). Tal abordagem impossibilita e rejeita o entendimento de corpo-objeto, isto é, o corpo como um instrumento e recipiente de informações.

A partir do momento em que se transforma o paradigma de compreensão do corpo, também se modifica o paradigma do entendimento de técnica, que deixa de ser ferramenta que molda o corpo instrumento e passa a ser entendida como provocadora do fluxo de pesquisa: “As instruções de uma técnica se transformam numa relação dinâmica com o corpo, evoluindo junto com este, num processo contínuo de troca de informações. A técnica transforma o corpo e é corporifi-

cada à medida que suas instruções são implementadas” (Neves, 2010, p. 25).

Comecei a dar aula para adolescentes como aluna do curso de Processo Didático do Salão do Movimento, que exigia que todos tivessem um grupo de alunos para conduzir o estudo prático. As questões que surgiram desse processo me fizeram iniciar um curso livre de dança para adolescentes no Salão do Movimento. A partir desse interesse – e também da percepção de que esse é um enfoque pouco abordado pelas pesquisas da TKV –, realizei um estudo de iniciação científica com o tema TKV para adolescentes. Seu alcance, porém, foi diminuto: os únicos resultados acadêmicos produzidos foram os relatórios direcionados à Fapesp, indisponíveis ao público. Caracterizam-se, além disso, por ser relatórios/relatos, diários de campo de uma ação continuada. Apresentei a iniciação científica em congressos acadêmicos com a apresentação de pôster ou comunicação em mesa temática². Foram experiências importantes de diálogo com outros pesquisadores e que me fizeram perceber quanto o material produzido até aquele momento era ainda parco, instigando-me a elaborar uma pesquisa mais profunda.

Em 2015, ao ingressar na pós-graduação *lato sensu* em Técnica Klauss Vianna na PUC-SP, deparei com um alargamento da percepção das questões da TKV e de sua fundamentação teórica, em especial a Teoria Corpomídia. As mudanças de paradigma propostas por essa teoria alteraram minha visão e ação em meus campos de atividade, inclusive em minha prática didática. Como afirma Greiner (2010, p. 27), “é preciso saber do

2. 8º Congresso da Abrace (2014); 2ª SPPGADC/Unicamp (2014); 23º Congresso de Iniciação Científica da Unicamp (2015); e no 6º SPA/USP (2016).

que se está falando e compreender que todo discurso é uma ação. [...] Interessa identificar a experiência passada em conexão com o presente e o futuro como um recurso para gerar movimento”. A partir do momento em que se considera a unidade corpórea, é necessário reconfigurar a ação/discurso para que haja coerência, com atenção para escutar criticamente conceitos antigos e enraizados no território da dança e deixar de reproduzir discursos/ações mecanicistas e dicotômicos.

Diante disso, tive dificuldade de encontrar leituras a respeito da adolescência para alimentar essa pesquisa, pois me deparei com textos repletos de dualismos, colocando a dança e o movimento em prol do desenvolvimento da mente, das habilidades escolares, da perda de peso, do alívio de angústias, entre outros tantos benefícios encontrados em listas de propagandas de escolas de dança, ou mesmo em artigos acadêmicos. É inegável a existência dessas decorrências causadas pela dança; no entanto, ressalto que na pesquisa TKV o objetivo não é chegar a resultados e cumprir metas, mas sim colocar o aluno em trabalho de investigação atenta às transformações, em um processo que não chega ao fim.

Também me deparei com uma série de palavras que compõem o que é a adolescência em nossa cultura: crise, questionamentos, mudanças, transformações, instabilidades, incerteza, descoberta do corpo, busca por liberdade, desejo de autonomia, entre tantas outras que designam esse momento em ebulição. Essas palavras, várias vezes, comportavam um sentido temporário, implicando algo a ser superado para se adentrar na almejada vida adulta, com suas promessas de estabilidade. Como se a adolescência fosse o único momento em que são aceitáveis o caótico, o excesso, a ebulição, a insegurança, a incerteza, o sentir, a intensidade, a crise.

Todavia, essas palavras que trazem o sentido da imanência do presente, da fragilidade do instante denotam a maneira como o corpo é mídia de si mesmo em processo de contaminação com as informações afluentes. A instabilidade é o movimento e é o movimento que faz do corpo um corpomídia (Greiner e Katz, 2005). A TKV entende que não chegamos a resultados prontos e estanques, mas que estamos em transformação, em processo constante de aprendizado, que chega a efeitos e estabilidades, porém efêmeros e que contêm em si a processualidade, a instabilidade e a transitoriedade.

Klauss Vianna (2008) fala da importância da desconstrução das formas fixas de se estar em sala de dança, da necessidade de abraçar o fluxo de emoções que surgem do movimento – que são o movimento. Essa desconstrução quebra com a suposta estabilidade do adulto. A desconstrução provocada por Klauss Vianna vem no sentido de profanação dos dispositivos (Agamben, 2009) que aprisionam a noção de adulto. Greiner (2005) aborda o conceito de desconstrução a partir de Derrida, que seria a possibilidade de se abrir para o outro, de tentar ver/ler textos e outras obras sem buscar o que queremos que aquilo signifique, permanecendo abertos ao reconhecimento e à leitura singular da obra. Sob minha interpretação, esses dois estudos/propostas acerca da desconstrução são complementares, pois a desconstrução apresentada por Klauss Vianna exige que o aluno se abra para o outro e à escuta de um conceito de dança que não era esperado.

Com adolescentes, a desconstrução dos padrões de dança, em especial daqueles incansavelmente veiculados nas grandes mídias de comunicação de massa, também pode ocorrer na medida em que as alunas se sentem dançando a partir desse outro caminho de dança proposto em aula. Neves (2010, p. 67)

afirma que “não é o aprendizado de passos ou de vocabulários de formas codificadas que faz alguém dançar, e, sim, a percepção do que é o movimento dançado”.

Acredito que as questões que gritam na adolescência não devem ser silenciadas quando se atinge a maturidade, mas podem ser elaboradas no corpo e ressignificadas ao longo da vida. A afamada “busca pela identidade” conferida aos adolescentes não se encerra na maioridade. Estamos em movimento e transformação e a dança corporifica esse processo. A crise é parte do sistema evolutivo do corpo e o conflito gera o movimento. A adolescência pode ser um período de crise (ou não), que virá seguido de outros (ou não). Propor a TKV para essa faixa etária é um convite para que essas questões fluam pelo movimento, reconhecendo a crise como mote para a investigação. Para Vianna (2008, p. 60), é a curiosidade que move o mundo. “Se você não tem mais dúvidas, então só tem uma saída: parar.”

E é esse um dos principais motivos que me faz acreditar no trabalho da TKV com adolescentes, pois, além dos benefícios recorrentemente relacionados à dança para essa faixa etária, ela propõe o adolecer em investigação e exploração, estimulando a autonomia e a singularidade de cada um, características fundamentais para o amadurecimento em qualquer momento da vida.

Um princípio da TKV – que fundamenta todos os aspectos abordados anteriormente – é a indissociabilidade entre técnica e criação, que são trabalhadas intrinsecamente no processo de cada professor/bailarino/aluno. A pesquisa de movimento emerge dos tópicos corporais estudados e segue seu fluxo na singularidade criativa de cada praticante, despertando o corpo presente para a pesquisa, na qual a criação é sempre existente e necessária para o entendimento e a vivência. Diante disso, a TKV possibilita processos criativos, inclusive compreendendo a importância

pedagógica da criação e da partilha com o público, uma vez que “a dança é uma arte do espetáculo; faz parte do seu campo de conhecimento a relação com o público num constante fluxo de afetos” (Laszlo e Miller, 2016, p. 166). Klauss Vianna (2008, p. 56) afirma que “a dança só se aprende no palco”.

Este livro está dividido em quatro capítulos. No primeiro, são apresentados fluxos de investigação que desaguaram em mim para que esta pesquisa fosse realizada: a trajetória dos Vianna, a ação de fomento à pesquisa em TKV realizada pelo Salão do Movimento e a trajetória da presente pesquisa de TKV para adolescentes. No segundo capítulo, trago as considerações pedagógicas do trabalho da TKV para adolescentes. No terceiro tema, avanço nas reflexões a respeito do trabalho com processo criativo em sala de aula e suas características em meu fazer didático. E mesmo estando longe de se concluir esta análise, na última parte apresento caminhos que possibilitam novas investigações da TKV para adolescentes.

Busquei fundamentar a discussão, que gira em torno das minhas ações como pesquisadora, com os mestres da TKV, com a Teoria Corpomídia, abordando, quando necessário, outros autores que julguei dialogarem com as ideias presentes neste livro. Não pretendo apresentar um relato, um diário de campo do meu trabalho semanal como professora, mas sim uma escrita que apresente pistas para se trabalhar a TKV com adolescentes em diversos contextos, não como fórmula, mas como pesquisa.

Esta obra busca suprir a carência de bibliografia de dança para adolescentes apresentando uma abordagem com base nos princípios e tópicos corporais da TKV como temas de criação na sala de aula e na cena. A partir da minha prática didática como professora de dança para adolescentes, o presente livro desenvolve reflexões sobre as características próprias do trabalho da Téc-

nica Klauss Vianna para essa faixa etária, uma vez que é um enfoque pouco abordado pelas pesquisas TKV. O embasamento teórico do livro se pauta na Teoria Corpomídia e suas reverberações no entendimento de técnica aqui postulado, bem como na maneira como se compreende a adolescência. O estudo discorre sobre a trajetória da família Vianna e os desdobramentos da pesquisa que seguem até hoje, a sistematização da TKV e o conceito de Escola Vianna, além, ainda, das particularidades de cada tópico corporal trabalhado da TKV, como improvisação, e da escolha em incluir sequências de movimento como estratégia pedagógica em aulas de TKV. Por fim, apontam-se possibilidades de se trabalhar um processo criativo com adolescentes, objetivando a processualidade da dança em sala e em cena.



1 || Pontos de partida

|| NASCENTE - BREVE HISTÓRICO DA TÉCNICA KLAUSS VIANNA ||

A Técnica Klaus Vianna surgiu da pesquisa do bailarino e coreógrafo. Seu caminho, porém, não foi solitário, mas sim “iluminado por duas outras estrelas, que foi Rainer e é Angel” (Aquino apud Miller, 2007, p. 33). Os relatos de vida desses três artistas podem ser encontrados em diversas publicações e não é o objetivo aqui fazer um detalhamento biográfico. No entanto, farei um breve histórico da carreira desses bailarinos que transformaram a dança no Brasil, a fim de elucidar o trajeto dessa técnica que embasa a presente pesquisa.

Klaus Ribeiro Vianna e Maria Ângela Abras Vianna (Angel) são mineiros, nascidos no mesmo ano de 1928, em Belo Horizonte. Ambos relatam uma infância de observação do entorno e questionamentos infundáveis. Conheceram-se no colégio por volta dos 14 anos e iniciaram no balé clássico juntos. Jamais sa-

tisfeitos com regras sem explicações e continuamente buscando o diálogo com outras áreas artísticas, deram, cada um a seu modo, início a uma renovadora pesquisa do movimento. Klauss tinha uma forte atração pelo teatro e uma curiosidade na observação das artes plásticas para melhor entender o corpo e o movimento. Angel tocava piano desde criança e se formou na Escola de Belas Artes de Belo Horizonte – Escola Guignard –, com especial interesse pela escultura.

Juntos, abriram a Escola Klauss Vianna em Belo Horizonte e, pouco depois, em 1959, fundaram o Ballet Klauss Vianna. Este era um espaço de pesquisa de novas formas de ensino e criação, entre elas a retirada da sapatilha dos alunos, para que assim descobrissem a estrutura óssea dos pés e abrissem os espaços articulares. As criações artísticas também traziam elementos inéditos para a época, como a introdução do silêncio ou de sons cotidianos na cena e o estudo do gestual de trabalhadores para a criação em dança.

Em 1958, nasceu Rainer Vianna, filho desse casal pesquisador e revolucionário em plena atividade. Rainer costumava dizer: “Minha formação é de banheiro, sala, cozinha, de casa mesmo – cresci ouvindo meus pais falarem de dança e corpo” (Vianna apud Miller, 2007, p. 44).

Em 1962, a família se mudou para Salvador, para ensinar na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a convite do então diretor Rolf Gelewski. Embora fossem responsáveis pela cadeira de dança clássica, acabaram expandindo suas referências, experiências e conhecimentos. Klauss Vianna (2008, p. 42) relata as transformações que viveu nesse período ao entrar em contato com a capoeira, o candomblé, a greve estudantil, a arte baiana, Caetano Veloso e Maria Bethânia: “A Bahia me abriu as portas para o exterior, porque até então eu vivia apenas o meu interior”.